

A ECONOMIA DE COMUNHÃO NO PENSAMENTO DE CHIARA LUBICH

Pino Quartana

1991 – UM ANO HISTÓRICO

A vida dos Movimentos de espiritualidade, que no decorrer dos séculos surgiram no seio da Igreja, sempre foi marcada por importantes datas, assinalando manifestações especiais do Espírito. Estas manifestações podem ser iluminações oferecidas ao fundador em vista do nascimento de uma Obra a ele confiada ou de seu desenvolvimento posterior; pode ser o momento da aprovação dos estatutos desta Obras por parte do Magistério da Igreja; ou ainda, podem ser fortes intuições e impulsos visando à concretização de projetos que parecem transcender as previsões e possibilidades humanas; ou até mesmo extraordinárias intervenções da Providência.

Também a história do Movimento dos Focolares é cadenciada por etapas fundamentais. A última delas data de 1991, ano que será lembrado como o "ano da economia de comunhão".

Economia de comunhão: trata-se de uma idéia e de um programa de ação amadurecidos no coração da fundadora do Movimento dos Focolares, Chiara Lubich, e por ela lançados por ocasião de sua visita às comunidades do Movimento no Brasil, em maio de 1991. Tal novidade logo encontrou grande ressonância junto às outras comunidades do Movimento espalhado por todos os países do mundo, novidade acolhida com grande entusiasmo.

É compreensível que a economia de comunhão tenha nascido do encontro com a comunidade brasileira, a qual desabrochou no seio de um país onde se sofre de maneira dramática a desigualdade social entre poucos muito ricos e milhões muito pobres. Também o fato de este projeto ter sido acolhido com interesse e imediata participação em todas as outras regiões do mundo – mesmo nos lugares onde os desníveis não são tão acentuados -, explica-se pela sua íntima coerência com o carisma do qual a Obra de Maria recebe vida, inspiração e impulso. Pois trata-se de um carisma que, estando plenamente inserido dentro da mensagem cristã, conduz ao aprofundamento e à vivência desta mensagem a partir de uma determinada perspectiva, a unidade. Sem dúvida, um carisma que envolve o ser humano todo e o ajuda a estabelecer um relacionamento de unidade, de filiação com Deus e de fraternidade com os homens, até traduzir-se em gestos concretos sob todos os aspectos da vida, inclusive o econômico, que, se é verdade que é necessário respeitar a liberdade da pessoa, deve ao mesmo tempo ser um reflexo de "comunhão", uma realidade típica da espiritualidade evangélica que anima a do Movimento dos Focolares.

Como lembrou Chiara em seus pronunciamentos no Brasil, a vida da Obra de Maria* e de seus membros distinguiu-se, desde o início, por uma experiência toda particular e original: trata-se da prática da comunhão de bens, aliada a um elevado conceito do trabalho humano.

Trabalho este considerado "constitutivo do homem", porque através dele "seguimos o plano que Deus tem para nós" – motivo pelo qual "devemos procurar executá-lo do modo mais perfeito possível", com o "desprendimento" de quem não coloca a atividade do trabalho (o sucesso, o ganho, o poder que daí podem derivar) no lugar de Deus (Lubich, 1985, p. 12).

Uma comunhão de bens que procura se espelhar da melhor maneira possível na comunhão vivida pelos primeiros cristãos, de quem está escrito, "eram um só coração e uma só alma" e "tinham tudo em comum..." e por isso "não existia necessitado algum entre eles" (cf. At 2,42-45; 4,32-35).

Chiara mesmo viveu esta comunhão de bens, em primeiro lugar, juntamente com as suas jovens companheiras e com as quinhentas pessoas que, logo nos primeiros meses, aderiram às propostas do Movimento nascente. É a própria Chiara quem explica: "era uma comunhão completa, no sentido de que também quem se encontrava na indigência colocava em comum as próprias necessidades".

Uma comunhão de bens que, no entanto, não se limitava aos membros do Movimento, mas era do mesmo modo vivida nas ruas de Trento entre as ruínas da guerra, sobretudo nos bairros mais atingidos como o Androne, S. Martino, Laste..., período em que a cidade se encontrava completamente devastada e as pessoas na miséria.

Num pequeno apartamento recolhiam-se víveres e medicamentos, de onde depois tudo era distribuído. Desse modo vivia-se uma dimensão do Evangelho que readquiria uma vitalidade inesperada em pleno século XX. Era um ato pequeno, mas ao mesmo tempo de grande valor humano e cristão, pois levavam alívio aos famintos, aos sem-teto, aos que não tinham com que se vestir, aos doentes, mutilado, encarcerados. E, ao realizar este trabalho, a primeira comunidade do Movimento tinha como objetivo resolver o problema social da cidade de Trento, pois Trento era todo o "seu mundo" naquela época (cf. documentário-entrevista *Por uma economia de comunhão*. Gravado em Rocca di Papa [Roma], novembro de 1991).

Portanto, já desde aquela época, não se tratava de uma comunhão de bens direcionada apenas a obras caritativas, assistenciais, para aliviar alguma pessoa. Existia uma viva atenção à situação social e o esforço em contribuir para resolvê-la.

PONTO DE PARTIDA E FUNDAMENTO

Esta prática da autêntica comunhão de bens entre os membros mais internos do Movimento e, depois, da ajuda concreta a quem quer que dele se aproximasse, primeiro iniciada em Trento e depois difundida, aos poucos, em todo o Movimento no mundo inteiro, constitui hoje o ponto de partida e o fundamento do "*Projeto Brasil*".

Assim também deve ser considerado ponto de partida e fundamento, em escala mais vasta, o compromisso, em todos os aspectos sociais expresso de modo especial pelos Movimentos de amplo alcance nascidos no decorrer dos anos no seio da Obra de Maria: Humanidade Nova, Jovens por um Mundo Unido, Famílias Novas, Movimento Paroquial e Movimento Juvenil pela Unidade. Compromisso que se concretizou em iniciativas, ações, obras e "operações" internacionais, desenvolvidas nos contextos sociais mais variados em resposta às exigências mais urgentes. Sobretudo na ajuda aos mais pobres, aos marginalizados, aos subdesenvolvidos, aos habitantes dos barracos das Filipinas, aos favelados brasileiros, das áreas empobrecidas do Sul do mundo às periferias sofridas das grandes metrópoles do Norte industrializado. Ou em ocasiões de calamidades naturais, ou ainda em auxílio a regiões inteiras do mundo, como o Sahel e os países da Europa Oriental, com dificuldades específicas.

A força de unir e de envolver que está contida no Evangelho sempre se expressou e ainda se expressa, no Movimento, através da comunhão: comunhão espiritual e comunhão de bens materiais, comunhão de propósitos, de tempo, de capacidades. Tudo num intercâmbio construtivo e fraterno de culturas, tradições, técnicas diversificadas – até mesmo opostas -, intercâmbio do qual veio à luz uma contribuição peculiar e insubstituível de indivíduos e grupos e onde o paternalismo, o sentido de superioridade ou de inferioridade saíram derrotados.

Deste modo, a espiritualidade da unidade foi se expressando e se encarnando num empenho pela comunhão de bens, seja ela local ou planetária, e numa cultura da disponibilidade e da solidariedade, no exercício da partilha e da busca comum para encontrar – no limite do possível – respostas às exigências setoriais imediatas, como também aos problemas de grande amplitude socioeconômica.

E é exatamente sobre este fundamento que se insere o discurso de Chiara Lubich, definido por muitos como uma "bomba" (uma explosão) detonada no lugar e momento mais oportunos.

O Movimento estava preparado, depois de quarenta anos de experiência também neste campo específico, para acolher a mensagem e extrair dela um novo impulso e uma orientação mais precisa.

**A REALIDADE SOCIAL DO BRASIL COMO MOTIVO INICIAL DE
INSPIRAÇÃO**

A realidade social brasileira nos seus profundos contrastes – já conhecidos de Chiara em diversas viagens que ela fez ao País na década de 60 – saltou-lhe novamente aos olhos, numa dramática síntese, enquanto, logo ao chegar, atravessava a megalópole de São Paulo e seus subúrbios. Em seguida, durante os primeiros dias de sua permanência no País, esta realidade foi se desvendando sempre mais, interpelando Chiara com uma força notável, sugerindo-lhe reflexões que ela comunicava pouco a pouco a seus colaboradores, e impulsionando-a a convidá-los, antes de mais nada, a um amor mais vigilante pelos outros e a uma oração confiante, "de filhos", ao Pai. Escrevia:

Aqui existe carência, sobretudo de amor verdadeiro e autêntico, especialmente se pensarmos na "coroa de espinhos" (como o cardeal de São Paulo, D. Evaristo Arns, fala do cinturão de pobreza e miséria da periferia), coroa que circunda a cidade repleta de grandes arranha-céus. É o grande problema destas terras em via de desenvolvimento, um dos maiores problemas do nosso Planeta, pelo qual nós poderemos fazer sempre muito pouco. Mas Deus Pai pode cuidar da solução. E também pela nossa fé de filhos seus [...] Deus tudo pode. Devemos Ter esperança e precisamos rezar: é, sobretudo esta a nossa caridade, em vista deste objetivo [...]. Em

1900 São Paulo era uma cidade pequena. Agora é uma floresta de arranha-céus. É grande o poder do capital nas mãos de alguns e tamanha é a exploração dos outros. E pergunto: mas por que este poderio todo não se orienta para a solução dos imensos problemas do Brasil? Porque falta o amor ao irmão; o que domina é o interesse, o egoísmo... Que caricatura é o mundo sem Jesus! (Diário, 15.5.1991).

E continuava:

... toda a Obra deve dar um salto de qualidade no campo de sua expressão social [...] nós temos um potencial neste campo expresso através de obras, ações, da presença de "homens novos", educados a viver para os outros; temos células de ambiente. Mas tudo é sempre pouco diante das necessidades do mundo e do próprio Movimento. É preciso que nasça algo muito maior e mais global (Lubich, 1991b).

Porém, era necessário que houvesse ocasião para um salto de qualidade, um poderoso sinal o qual Chiara definirá em seguida

O "coração" da minha permanência no Brasil [...] que a meu ver o Senhor, o Espírito Santo, fez amadurecer em mim, nos meus colaboradores mais diretos, nos responsáveis pelas várias regiões do Brasil (Lubich, 1991a).

OUTROS MOTIVOS

Todavia houve ainda outros motivos que deram origem à sua nova idéia e ao novo programa, além do contato com a realidade brasileira: a lembrança, antes de tudo, de um episódio acontecido muitos anos atrás e uma reflexão sobre a encíclica Centesimus annus.

A lembrança: Voltando no tempo trinta anos, o retorno a um fato que acontecera em Einsiedeln, cidadezinha na Suíça, famosa por seu grande santuário mariano numa abadia beneditina. Conta Chiara:

Um dia, estávamos olhando do alto de uma colina, sob um sol luminoso, a imponente construção da abadia tendo ao centro uma belíssima igreja onde os monges rezam, o conjunto de casas à direita e à esquerda da igreja onde eles moram e estudam, a escola, os terreno que circundam, onde trabalham e criam animais. E de fato víamos realizado ali naquele lugar o ideal de são Bento, do "ora et labora" ("reza e trabalha"). Sentimos uma grande admiração pelos santos fundadores, como são Bento, que depois de tantos séculos permanecem ainda vivos em suas realizações.

Diante daquele esplêndido panorama, desabrochou nos nossos corações uma outra imagem que nos parecia mostrar uma vontade de Deus para o nosso Movimento: imaginávamos uma "cidadezinha" moderna de verdade, com casas, escolas, mas também com indústrias, empresas, aonde se pudesse dar testemunha de como seria o mundo se todos vivessem o amor evangélico. Foi uma intuição muito forte... Alguns anos depois, em Loppiano, surgia a primeira de nossas "cidadezinhas"; e em seguida, aos poucos, em vários países foram nascendo todas as outras (ibid.).

Entre estas "cidadezinhas" (que já somam quinze no mundo) encontra-se também Araceli, o lugar da permanência de Chiara no Brasil. Está situada num planalto a cerca de oitocentos metros de altitude, nos arredores de São Paulo, e recebe este nome por causa de uma focolarina espanhola falecida há alguns anos. Esta "cidadezinha" foi se desenvolvendo ao redor de um pequeno núcleo de casas com escolas de formação, locais de trabalhos, alguns focolares*, a redação da revista Cidade Nova, casas onde residem várias famílias vindas de outras localidades do Brasil e que para lá se transferiram, além de um amplo Centro Mariápolis para encontros. É um ponto de referência para muitos que, nesta convivência baseada na mensagem da unidade, encontram esperança e estímulo para uma renovação espiritual e compromisso com uma vida mais coerente.

Portanto, temos esta lembrança histórica, mas que é também a atualidade, de uma semente que já brotou no difícil contexto da situação do Brasil, bem como em muitos outros países do mundo.

Em seguida, a reflexão sobre a encíclica *Centesimus annus*:

Uma encíclica maravilhosa, radiografia perfeita de toda a situação econômica, social e política do mundo de hoje; a reafirmação da Doutrina Social da Igreja de que são lícitas: a propriedade privada, a livre iniciativa, a livre associação; mas que também com veemência convida todos à solidariedade, chegando até a hipótese de uma economia mundial [...] um sonho, mas também uma esperança.

A IDÉIA, O PROJETO

Araceli, 29 de maio de 1991. Chiara fala aos habitantes da "cidadezinha":

Nestes dias tivemos a oportunidade de considerar todo o aspecto social contido no nosso carisma. É um carisma que, sem dúvida, possui muitas finalidades: por exemplo, conduz para a santidade, conduz a uma nova evangelização, ao ecumenismo, à construção da paz [...] mas também contribui para resolver o problema social [...], pois põe em evidência uma realidade socioeconômica: a comunhão de bens. E não faz apenas com que se sinta a sua necessidade, mas que há quarenta e sete anos, ela se concretize de várias formas no Movimento. Os membros mais próximos vivem-na efetivamente de acordo com a sua inserção específica dentro da Obra. No coração do Movimento, temos os focolarinos, que colocam em comum tudo o que possuem e também o fruto do seu trabalho mês após mês. Da mesma forma os focolarinos casados, os voluntários, os gen, etc., a concretizam a seu modo, mas sempre de forma radical e livre. E assim também, de diferentes maneiras todos os outros.

A comunhão de bens é uma prática à qual damos uma especial atenção e, diria mais, é um elemento novo. De fato, todo carisma que surge na Igreja traz consigo uma novidade já implícita nas Sagradas Escrituras e no constante ensinamento da Igreja, que, no entanto o Espírito Santo ilumina e explicita no tempo oportuno. Nós já dissemos como a comunhão de bens para o cristão é algo intrínseco à sua vida [...]. Se todos a viverem, as desigualdades sociais, os pobres, os famintos, os explorados... não existirão mais.

De nossa parte, no decorrer destes anos, esta experiência foi enriquecida por todas aquelas contribuições que a Doutrina Social da Igreja nos ofereceu, sobretudo através das encíclicas sociais.

E agora nasce aqui em Araceli uma idéia: Deus chama o nosso Movimento no Brasil – que conta com aproximadamente duzentas mil pessoas, incluindo os simpatizantes – a realizar uma comunhão de bens muito mais ampla, que envolva todo o Movimento no seu conjunto.

Poderíamos começar a ver isto realizado nas nossas "cidadezinhas", a partir de Araceli. Sob o impulso da comunhão de bens, deveriam surgir aqui indústrias, empresas, administradas, sobretudo pelos membros tipicamente leigos do Movimento: os focolarinos casados e os voluntários, que foram definidos como "os primeiros cristãos do século XX". Estes vários tipos de empresas seriam sustentadas por pessoas de todo o Brasil; deveriam nascer sociedades empresariais onde cada um tivesse a possibilidade de participar, ainda que modestamente mas de forma muito difundida. A gestão de tais empresas seria confiada a pessoas capazes e competentes, em condições de fazê-las funcionar com a máxima eficiência e lucratividade.

E aqui está a novidade – salienta Chiara -: este lucro seria colocado em comum.

Deveria nascer assim uma economia de comunhão da qual esta "cidadezinha" seria um modelo, uma cidade-piloto. Também nós achamos que, sem dúvida, deva existir um capital, mas queremos que o lucro seja colocado em comum livremente. Com quais finalidades? As mesmas das primeiras comunidades cristãs: ajudar o que estão em necessidade, dando-lhes condições de vida e possibilidades de um emprego [...]. Depois, naturalmente, incrementar a própria empresa. E por fim, desenvolver as estruturas desta pequena cidade visando a formação de "homens novos", cuja vida seria motivada pelo amor cristão, porque sem "homens novos" não se faz uma sociedade nova...

Começemos por esta "cidadezinha" brasileira para partirmos de um ponto do mundo onde os problemas sociais são particularmente dramáticos, mas onde também o esforço para enfrentá-los é mais intenso. Sabemos que depois o exemplo arrasta....

UM PASSO À FRENTE

Este é o núcleo central do pronunciamento de Chiara, formulado na espontaneidade do relacionamento direto com as pessoas, e esta é a sua novidade, o salto de qualidade em relação à experiência vivida até então pelo Movimento: a passagem da comunhão de bens para a economia de comunhão. A comunhão de bens é reafirmada e reativada com empenho. Contudo, a economia de comunhão é um passo à frente, pois diz respeito ao uso ativo dos bens: as pessoas não se limitam a uma doação, mas colocam os bens em circulação no corpo social, para que estes, por sua vez, produzam outros bens. Trata-se, portanto, de uma economia como expressão da vida de unidade, que se traduz também em relações econômicas renovadas entre "homens novos" que redescobrem a fraternidade universal, na comum filiação divina. Trata-se de uma reviravolta que coloca os talentos, a capacidade empresarial e o profissionalismo a serviço do bem comum; naturalmente sempre dentro de um absoluto respeito à liberdade. O projeto só se realizará à medida que amadurecer na livre consciência de cada um.

A economia de comunhão atinge diretamente a atividade de trabalho e a estrutura básica da economia moderna: a empresa. Esta é orientada a colocar em comum seus recursos e se revitaliza, pois deve cada vez mais

ser composta por pessoas capazes de usar as categorias da solidariedade, especialmente em relação aos mais pobres. A empresa se abre para o âmbito externo como elemento propulsor da sociedade em direção a uma economia que esteja a serviço da comunidade. Esta economia de comunhão, à medida que o Movimento conseguir concretizá-la, contribuirá para a realização do grande projeto das "cidadezinhas" que – poderão adquirir a fisionomia e a função de autênticos modelos de sociedade renovada pelo Evangelho, assim como forma vislumbradas trinta anos atrás.

Além do mais, o projeto aspira eliminar, quanto possível, a pobreza entre os membros do Movimento, aceitando o desafio de resolver não apenas os problemas individuais de cada um, mas o problema em si. Ajudar quem passa necessidade na comunidade, mas tendo em vista inseri-lo no ciclo produtivo e torná-lo auto-suficiente, em sua plena dignidade de pessoa.

Nesta novidade encontra-se, a nosso ver, uma resposta embrionária à grande exigência de integrar o direito à propriedade privada, à iniciativa, à atividade pessoal, com a destinação universal dos bens e com a produção econômica, posta em ação como o objetivo de gerar recursos destinados ao bem de todos.

O PROJETO SE PROPAGA

Chiara tinha em mente, ao menos no início, limitar esta experiência ao âmbito de Araceli e de Brasil, mas ao mesmo tempo, exatamente porque "o exemplo arrasta", dava-se conta de que esta realização, embora local e pequena, teria tido logo uma ressonância e uma influência muito mais vastas. De fato, exatamente alguns dias depois do seu anúncio no Brasil, num congresso internacional de Humanidade Nova – realizado em Roma com representantes do mundo da economia e do trabalho, provenientes de vários países – esta idéia foi acolhida e lançada em todo o Movimento. O resultado foi um efusivo número de ofertas, iniciativas, projetos, segundo estas primeiras indicações vindas do Brasil.

Em seguida, ainda na Mariápolis Araceli, Chiara voltou mais de uma vez a falar sobre este projeto do qual, percebeu ela, poderia nascer "uma doutrina social de comunhão na liberdade". Doutrina cuja elaboração ela confiou, de modo especial, aos jovens, ao mesmo tempo que convidou para sua concretização imediata o Movimento Humanidade Nova, os voluntários – que são os seus primeiros animadores – e as famílias – às quais recomendou considerarem como próprios estes compromisso no campo social e esta novidade da economia de comunhão, tornando-se seus porta-vozes entre outras famílias e transmitindo-a, desde já, às novas gerações para que cresçam com esta mentalidade.

Ainda em um posterior encontro com os responsáveis pelo Movimento Famílias Novas, recomendou que "cada família fosse vista não só como uma pequena Igreja, mas também como uma escola onde se formam "homens novos".

Encorajada pela aceitação constatada no Brasil, pela ressonância e pelos inúmeros empenhos concretos provenientes de todas as partes do mundo, Chiara insistiu em lançar essa idéia também depois do seu retorno à Europa. Em todas as suas palestras e entrevistas, nos encontros do Movimento na Polônia – onde em agosto daquele ano encontrou os membros da Europa Oriental e Ocidental reunidos em Katowice -, e nos meses seguintes, em Rocca di Papa (Roma), retornou ao assunto aprofundando-o cada vez mais e indicando suas ultteriores possibilidades e perspectivas.

O "Projeto Araceli" estendeu-se assim às "cidadezinhas" já existentes ou em fundação nos vários países: todas destinadas a acolher as novas empresas ou a ser o centro das empresas "coligadas". Nos vários países procura-se fazer com que confluam na própria "cidadezinha" as melhores energias em termos de capacidade, tempo e disponibilidade, promovendo-se uma permuta entre as "cidadezinhas" de nações pobres e nações ricas, entre as regiões mais e as menos desenvolvidas, para que se viva a nova dimensão da comunhão em nível internacional.

No contato e no intercâmbio com a base do Movimento e com seus colaboradores mais diretos, Chiara foi evidenciando sempre mais a vastidão potencial do projeto. A aprovação por parte dos bispos, que hoje são freqüentemente chamados, nos seus trabalhos pastorais, a enfrentar gravíssimos problemas sociais, e a aceitação encontrada entre sociólogos, antropólogos e estudiosos de economia, fortaleceram-na e convenceram-na de que desta idéia – se for concretizada, como já está sendo em realizações de vários níveis – pode realmente brotar uma contribuição específica do Movimento para a solução dos problemas da economia, cujas dimensões são hoje planetárias.

Por ora o projeto está fermentando a partir de dentro no vasto Movimento dos Focolares em todos os seus setores.

A ESPERANÇA

Mas – como já foi dito – este projeto nasceu antes de tudo para resolver o problema social dentro das fronteiras do Movimento, onde – como na primeira comunidade de Trento na época da guerra – "não devem nem podem existir pobres", terá a nosso ver plena adesão também fora do seu âmbito. Esta idéia poderá persuadir muitas pessoas. Desmoronou uma ideologia que fundamentava a ordem econômica num coletivismo

imposto ao homem, reduzido a produtor e visto somente sob a dimensão econômica; mas não está menos em crise o sistema fundamentado num desumano individualismo e num homem reduzido a mero consumidor. De fato, espera-se por algo que resolva os problemas sociais e econômicos e que seja impulsionado pelo que existe de mais verdadeiro e autêntico no homem.

Esta nova perspectiva, esta esperança é expressa por Chiara no final do documento-entrevista *Pôr uma economia de comunhão*, gravado em novembro de 1991:

Ao contrário da economia consumista, baseada na cultura do Ter, a economia de comunhão é a economia do dar. Isto pode parecer difícil, árduo, heróico. Mas não é assim, porque o homem, feito à imagem de Deus, que é Amor, encontra a própria realização justamente no amor, na doação. Esta exigência está no mais profundo do seu ser, tenha ele fé em Deus ou não. É justamente nesta constatação, comprovada pela nossa experiência, que está a esperança de uma difusão universal da economia de comunhão.